



Medievalis

v. 13, n. 1 (2024)

“Deveis usar vossa força e poder”: discurso religioso e político nas cartas de Catarina de Siena aos papas

Gabriele Rodrigues Tineu¹

Resumo: Este estudo visa analisar o discurso presente nas cartas de Catarina de Siena (1347-1380) dirigidas aos papas, com o objetivo de compreender a autoridade por ela construída através de sua vida mística e explorar o papel religioso desta mulher durante o período da Baixa Idade Média. Investigando a influência do contexto nas cartas da autora e sua abordagem política ao se comunicar com os papas Gregório XI (1370-1378) e Urbano VI (1378-1389), a pesquisa revela como Catarina utilizava suas correspondências para expressar seus desejos religiosos, seu ideal de santidade e exercer sua influência política. Ela propôs a Cruzada para conter conflitos na Península Ibérica, uma Reforma na hierarquia da Igreja Católica e solicitou o retorno do papa a Roma durante o Cisma do Ocidente (1378-1417). As cartas de Catarina são um meio para entender sua relevância política, autoridade e poder, percebidos por meio de sua mística, contribuindo para a análise da história das mulheres na Idade Média.

Palavras-chave: Catarina de Siena. Autoridade. Cartas. Papado.

Abstract: This study aims to analyze the discourse present in the letters of Catherine of Siena (1347-1380) addressed to the popes, with the objective of understanding the authority she constructed through her mystical life and exploring the religious role of this woman during the period of the Late Middle Ages. Investigating the influence of context on the author's letters and her political approach in communicating with popes Gregory XI (1370-1378) and Urban VI (1378-1389), the research reveals how Catherine used her correspondence to express her religious desires, her ideal of holiness, and to exercise her political influence. She proposed a Crusade to contain conflicts in the Iberian Peninsula, a Reform in the hierarchy of the Catholic Church, and requested the pope's return to Rome during the Western Schism (1378-1417). Catherine's letters are a means to understand her political relevance, authority, and power, perceived through her mysticism, contributing to the analysis of women's history in the Middle Ages.

Keywords: Catherine of Siena. Authority. Letters. Papacy.

¹ Graduanda em História na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2630306907945932>
E-mail: gabrieletineu3b@gmail.com





1. Introdução

A presente pesquisa histórica buscou empreender um estudo acerca da fuga do destino tradicional da mulher na Baixa Idade Média através da análise das cartas de Catarina de Siena (1347-1380) aos papas Gregório XI e Urbano VI. O recorte proposto neste trabalho busca compreender as implicações da vida privada de uma mulher, religiosa e mística do século XIV, de forma alinhada às construções do ideário de poder em torno da figura de Catarina de Siena. Para isso, são utilizadas as 23 cartas que ela escreveu aos papas durante um período de dez anos. Nas missivas de Catarina de Siena é possível observar a expressão de seus desejos religiosos, assim como seu ideal de santidade. Além disso, é notável a utilização destas correspondências como uma forma de exercer sua influência política, estabelecendo assim comunicação com os papas, elogiando suas virtudes e aconselhando os líderes religiosos.

Em seu material epistolar, Catarina de Siena expôs sua compreensão do contexto histórico no qual estava inserida, revelando seu entendimento da realidade por meio de pedidos e conselhos aos papas. Ela propôs, por exemplo, uma Cruzada para conter os conflitos na Península Ibérica; uma Reforma na base hierárquica da Igreja Católica; e solicitou ao papa seu retorno a Roma, enquanto ele estava instalado em Avignon, na França. Catarina também demonstrava clareza na compreensão das implicações do Cisma do Ocidente (1378-1417), e as fissuras causadas por esse cenário dentro da Igreja Católica. Suas cartas são, então, uma janela para entender sua relevância política, autoridade e poder, percebidos por meio de sua mística. Além destes pontos, também constitui objetivo do presente estudo lançar luz sobre o papel da mulher em uma sociedade dominada pelo poder masculino, e as implicações da existência de uma religiosa com tal autoridade no cenário da Península Itálica do século XIV. Analisar seus discursos mostra-se chave para compreender sua voz de autoridade e influência.

Ampliar os estudos de gênero, com um foco específico na Idade Média, permite aprofundar a análise da história das mulheres, sobretudo daquelas que não se encaixaram na instituição do casamento. Por meio da exploração da figura de Catarina de Siena como uma mulher jovem e religiosa, é viável, foi obter uma perspectiva delicada e necessária da história de gênero.





2. O espaço religioso e político da vida de Catarina de Siena

A vida de Catarina de Siena tem sido interpretada de diferentes formas pela historiografia. Para respaldar esta análise, foi utilizada a obra de João Alves Basílio, *A vida de Santa Catarina de Sena* (1993). De acordo com o autor, Catarina de Benincasa nasceu em 1347, em Siena, uma pequena província² da Península Itálica. Ela era filha de Tiago Benincasa e Lapa Piagente e a caçula de outros 24 irmãos. Desde o nascimento desfrutou de uma vida confortável, pois sua família possuía uma tinturaria de tecidos que lhes proporcionava estabilidade econômica.

O frei Raimundo Delle Vigne, também conhecido como Raimundo de Cápua³, foi responsável pela primeira hagiografia de Catarina, além de ter sido seu confessor e diretor espiritual. Em seus escritos, como na *Legenda Maior* (1395), Raimundo descreve como a vida da jovem sempre foi envolta em misticismo religioso, o que intrigava até mesmo a alta hierarquia da Igreja Católica. Basílio (1993, p. 15) relata na biografia a primeira experiência mística vivenciada por Catarina, aos seis anos de idade, quando, ao passar pelo Valle Piatta, próximo a Fontebranda, ela olhou para a Igreja de São Domingos e viu Jesus, o que a levou a dedicar sua vida inteira à vontade de Deus.

Enquanto uma mulher religiosa no século XIV, Catarina se colocou como participante ativa dentro da sociedade de Siena, destacando-se por suas fortes características de caridade e bondade. De acordo com Rodrigues (2019, p. 33): “Catarina de Siena viveu em uma cidade que estava no centro da religiosidade de seu tempo”.

No auge de seus vinte anos, Catarina passava a maior parte de seus dias reclusa dentro de seu pequeno quarto, em um período de recolhimento espiritual (BASÍLIO, 1993). Embora tenha vivido como uma mulher leiga em contato com o mundo, ela mantinha-se reclusa em sua casa, sem estar associada a um grupo religioso até, pelo menos, 1364 (RODRIGUES, 2019). A reclusão para a prática cristã era vista como necessária para a manutenção da ordem religiosa, sendo defendida como forma de

² Em termos institucionais, as províncias italianas no Antigo Regime eram amarradas pela legitimidade da Igreja Católica e afastadas pela sua autonomia local. Isso as diferenciava das potências europeias no mesmo período, que tinham uma unidade política mais definida. As famílias de nobres, que aos poucos abdicavam do caráter nobre para se fundirem à burguesia, controlavam as efervescentes rotas comerciais e artísticas entre as províncias italianas, na fluidez dos princípios de oferta e demanda, que delineou polos de expressividade em certos setores (TOCQUEVILLE, 1997).

³ A fonte para a excelência de sua vida é a *Legenda Maior* do confessor do santo, o Beato Raimundo de Cápua (1330-1399).





inserção integral em um contexto religioso: “a reclusão, enquanto prática devocional, foi defendida desde os primeiros cristãos como exercício para a ‘perfeição’ dos clérigos. (RODRIGUES, 2019, p. 33). Catarina evitava, desta forma, o contato com outras pessoas, saindo apenas para ajudar os mais necessitados e para ir à Igreja. Suas refeições eram limitadas à comunhão eucarística diária, ressalta Basílio (1993).

Ao ingressar na ordem das *Mantelatte*, exemplificada por Rodrigues (2019) como um grupo leigo de religiosos e religiosas que vestiam o manto negro na região da Toscana nos séculos XIII e XIV, Catarina de Siena adotou o movimento penitente, composto por mulheres religiosas independentes com laços leves com a ordem dominicana até o início do século XV. A partir disso, sua nova missão apostólica era o apostolado para toda a humanidade, por meio de sua própria incorporação com Deus e Jesus, visando a purificação e renovação da Igreja (GOMES, 2015). Conforme sua vida espiritual se desenvolvia, Catarina experimentava mais eventos místicos, o que lhe concedeu notoriedade não apenas em sua cidade. Com a disseminação das notícias sobre suas visões, as pessoas vinham vê-la em seus estados de transe, iniciando uma fase de relevância espiritual que ultrapassava os limites de Siena (GOMES, 2015).

Devido à sua crescente popularidade e à vida devota de caridade e obediência a Deus, Catarina de Siena destacou-se como uma figura religiosa dotada de misticismo, conquistando seguidores. Em Siena, uma cidade politicamente organizada, as organizações religiosas sem vínculo direto com a Igreja faziam parte do cotidiano dos cidadãos. A possibilidade de ascensão como figura de uma mulher religiosa, é analisada por Clarck (2012, p. 54):

o apoio do governo e dos cidadãos foi possível graças ao apogeu dos recursos financeiros provenientes dos peregrinos, uma vez que Siena estava no centro da via Francigena, ou via Cassia, que ligava a França a Roma. A rota de peregrinação fez da cidade de Catarina um centro fervilhante para a vida religiosa e econômica (CLARCK, 2012, p. 54).

Após associar-se à ordem das irmãs *Mantelatte* em 1365, a vida de Catarina de Siena começou a receber notoriedade. O modo de vida dessas mulheres, conforme exemplificado por Rodrigues (2019), consistia em realizar trabalhos manuais, compartilhar refeições, realizar orações e acompanhar-se em visitas às cidades próximas. Elizabeth Gomes (2015, p. 42) destaca que “o fato de ela ser mulher dava ânimo aos que se sentiam enfraquecidos e desarmava os que queriam se impor”.

Quando Duggan (2014, p. 70) aborda a Península Itálica e suas fragmentações, afirma que esta região se tornou cada vez mais fragmentada, uma vez que as cidades,





livres da ameaça comum da ambição imperial, voltaram-se uma contra as outras. A falta de liderança efetiva nas comunas resultava em instabilidade política, social e econômica. Duggan (2014, p. 72) também destaca que “a persistência da desordem interna levou muitas pessoas a questionar a validade do governo comunal, com conselhos compostos de muitas facções e alta rotatividade de funcionários”. Diante dessas disparidades de interesses e forças organizacionais, o homem medieval sentia a necessidade de objetivar as lideranças políticas, mesmo sem se ver como um indivíduo capaz de manipular seu entorno, como afirma Peter Burke (2009). Segundo Burke (2009, p. 31): “o homem medieval não via a si próprio como um indivíduo, mas tinha uma consciência de si”. Essa consciência gerava os desentendimentos que, além de fragmentar a política na Península Itálica, também causavam fricções de interesses dentro da Igreja Católica.

O estudo sobre o feminino na Idade Média requer que o pesquisador compreenda não apenas as representações elaboradas sobre as mulheres, mas também a lógica que conduzia o pensamento medieval (FERREIRA, 2011, p. 3). Para entender a história de vida de Catarina de Siena, uma mulher que vivenciou transformações em seu âmbito social e político durante as efervescentes mudanças da Baixa Idade Média, mostra-se necessário o entendimento do papel da mulher dentro deste contexto. De acordo com Michelle Perrot (2007, p. 21):

convencidas de sua insignificância, estendendo à sua vida passada o sentimento de pudor que lhes havia sido inculcado, muitas mulheres, no ocaso de sua existência, destruíam — ou destroem — seus papéis pessoais

A análise do papel das mulheres na Idade Média revela que elas tinham espaços extremamente restritos. Segundo Georges Duby (2013, p. 305), as mulheres medievais enfrentavam constantemente o olhar masculino, pois, para os homens, a natureza feminina se distinguiu pela infirmitas e fraqueza, além do peso carnal que as “atraía para baixo”.

A história das mulheres busca, assim, incluir a voz feminina dentro da historiografia e destacar sua importância no âmbito social, político e econômico. Joan Scott (1992), historiadora norte-americana, argumenta que a perspectiva de gênero permitiu a abordagem da história das mulheres de forma a ir além da sombra masculina. A autora ressalta que “gênero era um tema proposto por aquelas que sustentavam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas disciplinares” (SCOTT, 1992, p. 4).





Catarina de Siena estava inevitavelmente vinculada às amarras sociais que envolviam a vida feminina na Baixa Idade Média. No entanto, sua espiritualidade representou um meio de escapar dessa realidade, o que foi importante para entender o seu papel político na sociedade efervescente de Siena. Ainda de acordo com Duby (2013, p. 305):

se descobrem em uma mulher a força, ou uma das três virtudes cardeais, prudência, justiça, temperança – e por vezes acontece –, essa vantagem excepcional lhes parece provir de um benefício da providência, da complacência de Deus que colocou nela algumas sementes de virilidade.

Nessa realidade, Catarina de Siena era vista como alguém dotada de virtudes de justiça e caridade concedidas por Deus, como menciona João Basílio (1993) em sua obra biográfica. Residente em Siena, sua vida dedicada à religião permitiu que ela oferecesse um exemplo inspirador para aqueles que buscavam uma vida de retidão espiritual. De acordo com Tito Centi (1980, p. 79-80), “o conhecimento de Catarina se dava pelos diversos ecos que ressoavam em seu cotidiano: eco das celebrações litúrgicas; eco das conversas com seus discípulos, e das conversas com os teólogos dominicanos aos quais Catarina era sempre atenta”. Sua vida e obra refletiam uma prática baseada na escuta e na experiência, o que contribuiu para a propagação de sua popularidade por outras cidades italianas.

As crises da Igreja são entendidas como um período de abalo interno e externo que fragilizaram suas bases hereditárias. A Igreja Católica se encontrava desestabilizada desde a mudança do papado de Roma para Avignon, na França. Segundo Rodrigues (2019, p.46), “o primeiro papa a governar fora da Itália foi Clemente V, francês de nascimento, que tornou Avignon sede do poder pontifício em 1309”. As causas da saída do papado de Roma eram diversas. Rodrigues (2019, p. 46) expõe que “Roma, mergulhada em conflitos internos entre as famílias aristocratas, não era segura para o seu pontificado”. No entanto, as causas desse descontentamento papal com Roma era uma herança direta de seu antecessor, Bonifácio VIII. Em 1303 um significativo evento ocorreu quando o papa Bonifácio VIII foi preso por ordem do rei francês, após um conflito sobre a tributação do clero, levando os papas a deixarem a Itália (DUGGAN, 2014, p. 70). Esse desentendimento acarretaria uma série de acontecimentos que abalariam cada vez mais o poder papal. Dentre esses acontecimentos, é importante destacar as inúmeras insurreições que ocorreram nas cidades italianas, reivindicando a volta da cúria papal a Roma, durante os sessenta anos seguintes. É nesse contexto da Península Itálica que Catarina de Siena estava inserida.





Gregório XI⁴ era o papa responsável pelo papado instalado em Avignon. Quando Catarina trocou correspondências com ele, seus apelos eram para que o papa intervisse nas questões políticas delicadas que estavam ocorrendo na Península Itálica. Catarina testemunhou conflitos de ordem religiosa por todos os lados. Segundo Tuchman (1991, p. 297), “era impossível manter por muito tempo uma unidade baseada nas múltiplas rivalidades das cidades italianas”. Esses conflitos eram parte de uma Península extremamente fragmentada e deteriorada pela ordem religiosa e por conflitos civis, muitas vezes causados pelo descontentamento com a permanência do papado em Avignon. Um exemplo disso foi a cidade de Florença, que “organizou uma revolta dos Estados Pontificais em 1375 e formou uma liga contra o papado, da qual participaram Milão, Bolonha, Perúgia, Pisa, Lucca, Gênova e todos os vários potentados que tinham ambições territoriais naqueles estados” (TUCHMAN, 1991, p. 295).

Florença ansiava pelo controle dos estados pontificais e se opunha firmemente à ideia de um papa francês. Além disso, “a criação de um forte estado pontifical em suas fronteiras era considerada por Florença como uma ameaça” (TUCHMAN, 1991, p. 294), o que intensificava os confrontos e fez com que o antipapismo dominasse a política florentina (TUCHMAN, 1991, p. 295). Basílio (1993, p. 56) retrata em sua obra um episódio violento vivenciado em Florença, no qual “os habitantes de Florença invadiram Igrejas e conventos, assassinaram os inquisidores papais e declararam os padres como inimigos do Estado”. Diante desse cenário de descontentamento, Catarina interveio buscando pacificar os conflitos nas províncias toscanas. Ela atuava como uma intermediária entre o Papa Gregório XI e as lideranças florentinas, como expressado por Rodrigues (2019, p. 15-16):

em sua primeira viagem à corte papal em Avignon, antes do encontro de Catarina com o papa Gregório XI, ela foi sujeita ao escrutínio de três teólogos para atestar sua ortodoxia e averiguar sua relação com Florença, que desde 1375 tinha intensificado o conflito com o papado. Somente após este interrogatório Catarina teve sua audiência com o papa autorizada.

Durante esse período de instabilidade política e religiosa, Catarina de Siena se comunicou com o papado, expressando preocupações sobre a vida religiosa dos clérigos e o domínio dos estados pontificais em meio às instabilidades políticas vivenciadas nas províncias. Suas cartas buscavam o retorno do papado a Roma, o que ocorreu em 1376, como registra Basílio (1993, p. 65): “no dia 13 de setembro de 1376, deixou Avignon em

⁴ Gregório XI é o *Novus de virgine forti* (Novo da virgem forte): era da família Belfort e foi cardeal do título de Santa Maria nova.





direção a Marselha; e Catarina, com os seus, tomou a estrada de Toulon e Gênova”. A volta de Gregório XI a Roma foi seguida por tumultos e revoltas na cidade, e seu governo foi marcado por desafios constantes, levando à deterioração de sua saúde e sua morte em março do ano seguinte (BASÍLIO, 1993; SILVA, 2012). A notícia de sua morte gerou temores na população romana sobre o retorno do papado a Avignon. Com o objetivo de controlar a situação, o Colégio Cardinalício, composto principalmente por cardeais franceses, foi pressionado a eleger um novo papa. O povo, temendo pela eleição de um representante francês, encurralou a cúria papal. Para Silva (2012, p. 5):

[...] amedrontados com uma possível insurreição popular, os cardeais procederam com uma eleição rápida, favorável ao napolitano Bartolommeo Prignano, arcebispo de Bari. Prignano foi coroado solenemente como o novo papa e adotou o nome de Urbano VI (1318-1389).

Após a morte de Gregório XI e a eleição de Urbano VI, Catarina de Siena iniciou correspondência com o novo papa. Urbano VI, cuja personalidade e postura crítica desagradaram os cardeais franceses. Urbano VI, segundo Silva (2012, p. 5) “revelou, tão logo eleito, uma brusca mudança de conduta. Assumiu um discurso crítico e reprovador de certas atitudes dos outros cardeais, o que começou a produzir atritos”. Esta mudança de comportamento gerou descontentamento entre os membros influentes da Igreja, levando a questionamentos sobre a validade da eleição de Urbano VI. Catarina, todavia, continuava a defender a legitimidade do papado. “Cardeais e príncipes e muitos outros homens influentes começaram a querer duvidar da validade da eleição de Urbano VI” (PEIXOTO, 1998, p. 5). Esse período de instabilidade resultou na insatisfação dos cardeais franceses, que buscaram destituir o papa por meio de uma nova eleição:

de facto, em 20 de Setembro, em Fondi, por um acto unânime —exceptuando-se a abstenção dos cardeais italianos— os rebeldes elegeram e proclamaram papa a Roberto de Genebra com o nome de Clemente VII, que foi coroado em 31 de Outubro (PEIXOTO, 1998, p. 7).

Estava instaurado, a partir disso, o período denominado Cisma do Ocidente⁵ (1378-1417), que teve como principal característica a dualidade papal. Catarina de Siena, em meio a esses conflitos, buscava legitimar a figura do Papa Urbano VI por meio de sua

⁵ De acordo com a obra de José Samuel Simões (2020), o Cisma do Ocidente pode ser descrito como um período de divisão dentro da Igreja, iniciado quando Bartolomeo Prignano, Arcebispo de Bari, foi eleito papa com o nome de Urbano VI. Meses depois, os cardeais que o elegeram declararam sua eleição inválida e elegeram Roberto de Genebra, que assumiu o nome de Clemente VII. Esse evento marcou o início do Grande Cisma do Ocidente.





influência política. Sua trajetória é marcada pela vivência integral à luz do sagrado, manifestando suas indagações através de sua mística⁶.

3. Catarina de Siena: influência mística e a importância do uso de suas cartas para construção de sua autoridade na historiografia

Para compreender as relações de poder a partir das cartas escritas por Catarina de Siena, é fundamental analisar a utilidade desses documentos como instrumentos na historiografia contemporânea, bem como a importância de uma abordagem que se baseie na análise de documentos. De acordo com José de Assunção Barros (2021, p. 107), “a Nova História Política que começa a se consolidar a partir dos anos 1980, passa a se interessar também pelo ‘poder’ em suas outras modalidades, que inclui também os micropoderes da vida cotidiana”. Com isso, o uso das cartas como fontes tornou-se essencial na análise do discurso de Catarina de Siena, uma vez que revelam sua consciência de si mesma e do mundo ao seu redor. Isso possibilitou uma compreensão mais profunda de seu contexto histórico e de como ela construiu sua figura de poder como mulher mística e religiosa. Prochasson (1998, p. 113) destacou que o uso das fontes oferece perspectivas distintas aos historiadores, permitindo o estudo de figuras históricas e narrativas a partir da amplitude de possibilidades interpretativas:

o florescimento da história cultural entendida como história das instituições e das elites não é o único fator que explica a importância hoje conferida aos arquivos privados. A crise da história social labroussiana abriu espaço para modelos de análise em que os indivíduos desempenham um papel importante. Esperamos assim encontrar os motivos das suas ações nos vestígios escritos que eles deixaram, por detrás das suas ações públicas, por detrás das suas obras ou dos seus trabalhos.

No caso particular analisado no presente trabalho, enfatiza-se o uso das missivas para compreender as articulações políticas e sociais na Baixa Idade Média, a partir da perspectiva de uma mulher religiosa do século XIV. Prochasson (1998, p. 122) aponta que “uma fonte epistolar frequentemente citada, mas ainda muito pouco analisada na sua seriedade, poderia dar lugar a estudos estruturais do mesmo tipo. Refiro-me ao conjunto extraordinário formado pelas correspondências”. A atividade epistolar de Catarina de Siena deve ser compreendida em seu contexto, buscando capturar sua visão dos fatores sociais, políticos e culturais que a afetavam e sobre os quais se expressava.

⁶ A "mística", tal como é praticada por mulheres, é caracterizada por uma linguagem alegórica, uma linguagem de visões, uma linguagem poética, um modo de vida e espiritualidade, mas também por uma reformulação teológica da divindade (TROCH, 2012, p. 30).





O pensamento cristão medieval, em relação as mulheres, era caracterizado por restrições significativas. O contexto de Catarina de Siena exemplifica os inúmeros empecilhos que uma mulher religiosa enfrentava para ter sua voz ouvida e atendida. É importante observar que, embora o estudo de gênero não fosse um conceito viável na época, a análise da vida de Catarina de Siena como uma mulher religiosa é relevante, pois sua autoridade se construiu neste contexto. Como destacado por Duarte (2015, p. 10) “aqui surgem, também, ordens em mulheres se agregavam e organizavam, de um modo mais ou menos fecundo, para se apoiarem mutuamente”.

O conceito de misticismo foi difundido ao longo dos anos para descrever a intelectualidade das mulheres por meio de estados de transes e episódios de êxtases, principalmente entre as religiosas. Acreditava-se que, “o êxtase poderia ser uma forma do feminino transcender sua capacidade ‘limitada’ de intelecto, pois ao alcançar o êxtase, esse estado lhe possibilita a aptidão intelectual, a racionalidade ausente em seu corpo de mulher” (PILLA, 2013, p. 2). Em relação ao misticismo medieval é entendido que:

[...] a Baixa Idade Média experimentou uma democratização e secularização das formas de misticismo, tanto a praça do mercado quanto o monastério podiam servir de palco para as manifestações que também abriram espaço para as mais variadas pessoas em diferentes níveis sociais (RODRIGUES, 2019, p. 92).

Desta forma, compreende-se que o misticismo foi usado para promover uma ideia de vida religiosa centrada em devoções e em uma existência restrita, para que fosse possível alcançar a unidade com Deus. Nogueira (2013, p. 5), exemplifica a visão da mística através de um embasamento filosófico, “ora, o místico é aquele que se recolhe e que neste recolhimento se despoja de tudo que pode constituir um empecilho no caminho de sua união com o divino”.

Por meio do misticismo, a jovem Catarina de Siena, entende e manifesta seus desígnios religiosos desde muito cedo. Sua intensa atividade religiosa e sua condição de mística medieval feminina são partes importantes para compreender sua história e analisar sua autoridade de poder. Ao longo de sua vida, Catarina escreveu inúmeras cartas que elucidaram o poder e a influência de sua figura como mulher, religiosa e mística. Nogueira (2013, p. 9) ainda expõe que, em nossa interpretação, há um profundo amor pelo divino na vida de Catarina, um fervor que a coloca no limiar entre a ortodoxia e a heresia, o que levanta questões sobre o ato de escrever dessas mulheres.

Catarina escrevia com base em seu contexto de vida e em seu entendimento de mundo, dinamizando sua religiosidade e servindo de exemplo para aqueles ao seu redor.





Para ela, a vida mística medieval consistia, acima de tudo, na experiência intrínseca do ser humano em busca de entendimento de Deus. Um número crescente de cristãos, inspirados por essa vida apostólica de penitência, pobreza e anúncio itinerante, sentia-se atraído por uma vida evangélica semelhante (DUARTE, 2015, p. 41).

Além disso, Catarina manifestava sua busca pela santidade através de sua própria vida. Ela utilizava seu corpo para buscar assemelhar-se a Deus, imitando a vida de sofrimentos vivenciada por Cristo na Terra. Para a espiritualidade de Catarina, o corpo era um instrumento para alcançar a perfeição e a união com Deus (RODRIGUES, 2019, p. 85). Sua figura demonstrava uma forte consciência de sua existência e de sua vida religiosa. Os pilares da santificação entendidos por Catarina de Siena concederam-lhe a autoridade e o reconhecimento religioso necessários para manifestar sua opinião por meio de suas cartas. Rodrigues (2019, p. 86) elucida esse entendimento como, “o percurso perfeito de autoconhecimento na visão mística de Catarina de Siena, levaria o fiel à prática da caridade e amor para com o próximo”.

Outro ponto chave da religiosidade de Catarina de Siena é sua visão da caridade como meio de alcançar o coração de Deus. Em suas inúmeras cartas aos papas, ela expressa fervorosamente seu anseio pela prática da caridade. Na carta número 185 enviada ao Papa Gregório XI ela expressa: “porque, não possuindo a vida que procede da caridade, somente procura o próprio louvor, não o louvor de Deus” (CATARINA, 2016, p. 613). Além da caridade, Catarina prezava pela prática do conhecimento de si, entendendo que isso era fundamental para conhecer Deus. O preceito do “conhecimento de si” também está presente nas cartas endereçadas aos papas, ressaltando, mais uma vez, seu entendimento de santidade. Na espiritualidade de Catarina, a união com o Absoluto ocorre quando o indivíduo eleva o pensamento para conhecer a si mesmo e, ao conhecer a si mesmo, passa a conhecer a Deus (RODRIGUES, 2019, p. 88).

O conhecimento de Catarina voltado para a santidade e a experiência mística pautava-se na reflexão sobre o transcendente e sobre si mesma, refletindo suas obras e ações. A ênfase na caridade em suas cartas aos papas destaca sua preocupação com a reflexão moral em relação à busca da salvação. Para Catarina, a compreensão de santidade ocorria por meio da propagação da caridade, como destacado por Rodrigues (2019, p. 92): “seus arrebatamentos, visões e êxtases proporcionariam um conhecimento do divino mais íntimo de Deus, pois seu conhecimento vinha do próprio Deus e não de um conhecimento acadêmico”.





As cartas de Catarina de Siena foram enviadas a muitos destinatários, mas para entender as complexidades políticas que cercavam sua figura, é importante analisar as cartas endereçadas aos papas Gregório XI (1370-1378), e Urbano VI (1378-1389). Através das 23 cartas enviadas aos líderes religiosos, viabiliza-se a compreensão dos desejos políticos e religiosos de Catarina, assim como sua autoridade política e mística.

A mística feminina medieval, personificada na figura de Catarina de Siena, se manifesta de inúmeras formas. Porém, as características observadas nas suas cartas aos papas exemplificam um misticismo centrado exclusivamente na imagem de Deus, conferindo legitimidade aos seus discursos. “O misticismo feminino da Baixa Idade Média simbolicamente representava a oposição entre o saber afetivo e o saber intelectual” (RODRIGUES, 2019, p.92). Isto significa que a autoridade de Catarina não provinha de um saber intelectual ou de laços com pessoas politicamente influentes, mas sim de uma iluminação divina.

A santidade de Catarina de Siena se intensificou ao longo dos anos, e alguns de seus atos de santidade incluíam longos jejuns intermitentes, nos quais a ingestão de alimentos era extremamente restrita. Seus seguidores interpretavam essa prática como uma forma explícita de sua comunicação com Deus. Como menciona Rodrigues (2019), alguns de seus seguidores e contemporâneos viam seus jejuns como sinais de santidade. Com o tempo, essa prática se intensificou e conferiu a Catarina uma importância fundamental em cidades da Península Itálica.

Na carta número 166, endereçada a uma viúva, Catarina escreve explicitamente: “mortificai vosso corpo, não procureis cuidar dele com muita delicadeza. Desprezai a vós mesma, não vos preocupeis com a nobreza e com a riqueza” (CATARINA, 2016, p. 551). Com isso, ela deixa claro seu posicionamento em relação ao seu entendimento de santidade, colocando sempre o corpo como um instrumento no processo de salvação.

3.1. Catarina como figura de poder

Catarina de Siena viveu no século XIV, trabalhando durante seu curto período de vida para promover o reconhecimento da autoridade dos papas dentro da estrutura da Igreja. Durante esse tempo, passava seus dias em estado de contemplação, ajudando aqueles que necessitavam de auxílio. Catarina fazia parte de uma ordem religiosa de mulheres leigas, especificamente viúvas, conhecidas popularmente como Mantellate⁷,

⁷ Mulheres que viviam a luz da oração, em prol da vida comunitária e da pregação. Segundo Rodrigues (2019, p. 38), “as irmãs da penitência foram reconhecidas como um movimento de mulheres religiosas





ordem dominicana surgida no século XIII. Ela efetivamente ingressou na ordem apenas em 1363, quando recebeu permissão dos pais e principalmente das irmãs que já pertenciam à ordem.

Por meio de sua vida religiosa extremamente devota, Catarina ganhou notoriedade pela forma como vivenciava sua religiosidade: “o motor propulsor disso é o desejo de incorporar-se a Deus. Dentre os meios para isso destacam-se o jejum e as privações alimentares” (PILLA, 2013, p. 1). Como anteriormente mencionado, Catarina recorria às mortificações corporais, pois entendia que o sacrifício carnal era um meio de comunicação com Deus, considerando a dualidade entre corpo e alma como um ponto fundamental de seu entendimento. Segundo Pilla (2013, p. 9), “por meio da imitação e a consequente incorporação ao corpo de Cristo pelo jejum extremo, fez do sacrifício uma vivência diária”.

Catarina, associada a ordem das Irmãs dominicanas de Siena, fez com que suas influências também fossem refletidas por elas. Por meio do convívio e de seus feitos de caridade, que eram observados por essas irmãs, “as mulheres penitentes que viviam em volta de Catarina ‘comercializavam’⁸ sua santidade antes mesmo que ela despertasse algum interesse nos frades dominicanos” (RODRIGUES, 2019, p. 56). Além disso, a disseminação de sua mística contava com grande apoio de seus confessores. O papel desses homens era exemplificar como as situações aconteciam, por meio da escrita de hagiografias, cartas e documentos que expressavam conteúdo biográfico sobre uma determinada figura. Esta função era conferida aos homens, pois não era atribuído às mulheres o papel de expressar essas ideias coletivamente.

Raimundo Delle Vigne, confessor de Catarina de Siena, era quem legitimava sua voz por meio de seus escritos. Conforme destaca Rodrigues (2019, p. 58) “além de inserirem Catarina na cultura religiosa da região da Toscana, foram essenciais para a defesa e propagação da sua fama de mulher santa fora do eixo dos frades dominicanos”. A partir dos relatos hagiográficos e do material epistolar produzido por Catarina, Rodrigues (2019, p. 44) entende não identificar “nenhuma atuação direta em prol do reconhecimento institucional das mulheres penitentes dominicanas, enquanto esta estava viva”. Por meio de suas participações sociais, da consciência de sua realidade social e do

que decidiram não se casar após se tornarem viúvas. O movimento foi crescendo de tal forma ao ponto de aceitarem viúvas que não possuíam nenhum vínculo”.

⁸ A “comercialização” da santidade de Catarina, acontecia por meio da comunicação. As pessoas sabiam de seu misticismo e contavam sobre ele. Isto fazia com que sua notoriedade aumentasse. As pessoas desejam ver Catarina em seus transes.





conhecimento místico e exemplo de religiosidade, Catarina ganhou relevância. Isso a levou a escrever cartas às mais diversas camadas da sociedade, pois “o sucesso alcançando em suas missões pacificadoras, somados à sua fama de caridosa e virtuosa, fez crescer entorno de Catarina um número considerável de seguidores” (RODRIGUES, 2019, p. 58).

A consciência de notoriedade e influência de Catarina é evidente nas 23 cartas em que ela escreveu ao Papa Gregório XI e posteriormente a Urbano VI. Nestas cartas, encontram-se diversos pedidos de Catarina, que expressavam um desejo intenso pela Reforma da Igreja em suas bases hierárquicas, além de pedidos para a organização de uma Cruzada pela salvação de almas e, principalmente, o retorno do papado de Gregório XI a Roma, que estava instalado em Avignon há mais de 60 anos. Conhecida como mulher mística e religiosa, Catarina buscava, por meio de seus escritos, influenciar nas decisões políticas que cercavam a Península Itálica. Em suas cartas, ela expressava seus anseios, aconselhava e repreendia atitudes que não considerava condizentes com as diretrizes eclesiásticas. “Assim, por meio de suas missivas, que passou a enviar após uma experiência mística, ou até mesmo presencialmente, participava do jogo de poder das cidades italianas, aconselhando, além das comunas, reis e papas” (BARBOSA, 2017, p. 88).

Dentro desta perspectiva, Catarina se posicionava como figura de autoridade, comunicando-se livremente com o papado em suas cartas, que permitem uma observação detalhada de sua realidade. Barbosa (2017, p. 90) ainda salienta que, “em parte devido a essa ampla atividade epistolar, ela se tornou cada vez mais reconhecida como uma figura de autoridade na Península Itálica, por sua atuação e exemplo”. Em suas cartas aos papas, Catarina exemplificou em inúmeros trechos seu anseio pelas coisas divinas, comentando sobre sua preocupação em cuidar não apenas de seu corpo material, mas também expressando que os religiosos se preocupavam com outros assuntos, que não eram apenas a vida espiritual, como expresso na carta 218 ao Papa Gregório XI:

[...] ocupados que estão na procura de distrações, elogios e prazeres do mundo. Tudo isso resultado do amor-próprio pessoal. Se tais pessoas amassem a si mesmas em Deus, cuidariam unicamente da glória divina, não de suas coisas e de seus interesses materiais (CATARINA, 2016, p. 728).

Outro aspecto característico, entendido como parte de sua santidade, eram as inúmeras mortificações corporais realizadas por Catarina ao longo de sua vida. No entanto, ela salientava que o espírito era muito mais importante que o corpo físico e, portanto, não se privava de viver uma vida extremamente restrita, em todos os sentidos.





As privações alimentares eram constantes em sua vida, pois entendia-se que as mortificações corporais concediam um olhar mais santificado e uma forma mais árdua de chegar a Deus. Vauchez (1995, p. 63 *apud* Pilla, 2013, p. 4) exemplifica esse fato como sendo “o essencial do esforço ascético é orientado contra a carne e muito particularmente contra o corpo, terreno de predileção das forças do mal. Procura-se então humilhá-lo e dominá-lo através da mortificação”.

Em suas cartas também se encontram fragmentos desse pensamento, como mencionado na carta 239, enviada a Gregório XI: “não é costume dos servidores de Deus abandonar uma atividade espiritual por causa do prejuízo físico e temporal, mesmo com a perda da vida” (CATARINA, 2016, p. 796). Catarina demonstrava que não se importava em perder a saúde de seu corpo, ou até mesmo sua vida, contanto que fosse em nome de Deus. Desta maneira, ela exercia sua capacidade de manifestar seus desígnios e legitimar sua autoridade, mesmo que velada, porém efetivando a ideia de mulher religiosa e mística efervescente.

3.2. As cartas endereçadas a Gregório XI e seus interesses

A autoridade de Catarina de Siena é confirmada pela leitura de suas cartas endereçadas ao Papa Gregório XI, nas quais evocou um conhecimento profundo sobre a situação política das comunas⁹ italianas e se posicionou de forma prudente. Ao longo de seus escritos, é comum encontrar a exposição de seus pensamentos e anseios políticos, os quais ela expressava em nome de Deus. Catarina se opunha veementemente à permanência do papado em Avignon, fazendo numerosos apelos para que Gregório XI retornasse com a cúria papal a Roma. Ela identificava diversos empecilhos que mantinham o papa em Avignon, incluindo a desorganização da hierarquia da Igreja, combinada com os interesses dos cardeais nas heranças e propriedades da Igreja Católica. Isto conferia um poder desproporcional aos cardeais franceses, que mantinham um padrão de vida diferente do esperado para um membro do alto clero, o que revoltava Catarina de Siena. Em suas cartas, ela enfatizava a urgência do retorno de Gregório XI a Roma. Como exposto na carta número 228, “[...] Deus firmou vosso coração, tornando-vos decididos contra a oposição de quem desejava impedir-vos de ir [a Roma]” (CATARINA, 2016, p.

⁹ Em Amboni (2011) há uma explicação acerca da fundação de uma comuna e de sua finalidade: “as lutas de classes inseridas nas cidades medievais do século XII e a conquista do poder político, transformando-as em comunas, isto é, cidades que adquiriam direitos e prerrogativas de legislaram-se através de regulamentos próprios, através dos estatutos da cidade” (AMBONI, 2011, p. 1). No mesmo texto ainda é exposto que “assim, as comunas expressam determinadas formas de produção e reprodução de vida social, caracterizada pelo princípio de liberdade. Para esse fim, compreendemos as comunas como cidades que se emanciparam do jugo feudal e ganharam as liberdades políticas” (AMBONI, 2011, p. 2).





792). Outro ponto importante é a firmeza com que ela se posicionava contra a os cardeais franceses, como na carta 231 dirigida a Gregório XI, onde ela diz: “O conselho dos cardeais deve ser seguido. Não, porém, se procedem de pessoas que só pensam na própria vida, nas honras, posições e prazeres” (CATARINA, 2016, p. 773). Ela entendia que os cardeais franceses se opunham ao retorno do papa à Roma uma vez que isso implicaria na perda de seus privilégios dentro da Igreja. Catarina também expressava profundo desconforto com esses cardeais, já que a caridade era um valor que ela prezava e exaltava.

As cartas de Catarina de Siena endereçadas aos papas expressam um profundo conhecimento da realidade da época. Além disso, abordam outros assuntos durante o período em que ela se correspondia com os pontífices. Durante o período em que Gregório XI esteve estabelecido em Avignon, Catarina ressaltava seu enorme desejo de vê-lo novamente em Roma, a fim de restabelecer o vínculo entre povo e Igreja, que teria sido perdido durante os anos do papado na França. Neste sentido, Pilla (2013, p. 8) expõe que “diante de um pontífice indeciso, e muitas vezes temeroso por sua vida, Catarina lhe deu forças espirituais para vencer seus medos”. É notável a insistência de Catarina de Siena para que a cúria e o papa voltassem a Roma em 1377, sendo um dos temas mais recorrentes nas cartas enviadas ao Papa Gregório XI. Na carta número 229, Catarina menciona que ele já havia decidido retornar, “como homem forte e corajoso, vinde. E vede bem. Ainda que tenhais muito amor à vossa vida, não vos acompanhe muita gente, mas viajai só com a cruz na mão, qual manso Cordeiro” (CATARINA, 2016, p. 769). A visão política de Catarina se perpetua por esses escritos, como na carta número 218, em que ela expressa para Gregório XI: “como algumas vezes não se pode dizer por escrito o que gostaríamos de expressar, digo-vos que se desejardes comunicar-me alguma ação secreta, que gostaríeis que eu soubesse, dissei a ele [Neri Pagliaresi]” (CATARINA, 2016, p. 730). Isso evidencia que ela entendia seu papel e buscava desempenhá-lo da melhor forma possível, observando sua realidade e fazendo petições ao papa por meio de sua influência.

Outra preocupação de Catarina, relacionada à volta do papa a Roma, era sua intensa solicitação por uma reforma nas hierarquias da Igreja. Ela questionou Gregório XI e posteriormente Urbano VI sobre as intensas preocupações do clero com os lucros e a vida luxuosa levada pelos participantes da Igreja, condenando seriamente a prática da vaidade. Catarina compreendia a necessidade de considerar as cidades italianas como um bem comum, e neste sentido percebia que os governantes não atendiam às necessidades da população. Rodrigues (2019, p. 108) destaca que “para Catarina, a autoridade de um





governante não era dada pela posição assumida, mas pela prática da virtude enquanto se estava no poder”. Este tema foi abordado por ela em várias cartas, incluindo algumas enviadas a Gregório XI, nas quais falou abertamente sobre a necessidade urgente de uma reforma na Igreja Católica. Catarina via a reforma como uma forma de retirar o poder excessivo dos clérigos que se beneficiavam do poder da Igreja. Na carta número 255, endereçada a Gregório XI, ela declara: “[...] quero dizer, todo inflamado no desejo de reformar a santa Igreja. Não sendo assim, vós não conseguíreis realizar a vontade divina e os desejos dos servidores” (CATARINA, 2016, p.842).

Catarina delineava em seus escritos o modelo ideal de bom governante, por vezes orientando Gregório XI em relação às como deveria agir frente às situações que enfrentava. “Para Catarina, a autoridade de um governante não era dada pela posição assumida, mas pela prática da virtude enquanto se estava no poder” (RODRIGUES, 2019, p. 111), contudo sua intimação ao papa ainda iria além, sendo evidenciada no final do texto da mesma carta, em que ela escreve, “é ele que vos pede. Pede que corrija com justiça os numerosos males cometidos por aqueles que vivem e se nutrem na hierarquia da Santa Igreja. Deus vos deu a autoridade, vós a aceitastes. Deveis usar vossa força e poder” (CATARINA, 2016, p. 842). Com isso, fica claro o descontentamento que ela sentia em relação à Igreja e ao corpo clerical. Na carta número 270, por sua vez, ela metaforicamente expõe seu pensamento, de forma explícita, sobre a necessidade de uma reforma, “Começai por lavar as mãos dos pastores da santa Igreja, arrancai as flores apodrecidas e plantai flores odoríferas, homens virtuosos, tementes a Deus” (CATARINA, 2016, p. 900).

Era convicção de Catarina de Siena que a Igreja tinha a obrigação de se envolver nos assuntos políticos que afetavam a realidade da Península Itálica. Outra intensa petição de Catarina voltava-se para uma urgente convocação de uma Cruzada pelo Papa Gregório XI. Essa ideia foi mencionada por ela em suas cartas ao pontífice, trazendo à tona uma perspectiva ainda não abordada, que são os conflitos entre a Península Italiana e sua oposição à figura do Papa Gregório XI. “É nesse processo instável, frutos de tensões jamais superadas no seio de grupos sociais antagonistas, que acaba por dar forma à cidade italiana”, explica Gilli (2011, p. 16). Com isso, entende-se que as cidades italianas eram governadas por duas instituições que se relacionavam ao império e ao papado, exercendo o poder dentro das comunas. Todavia, a dualidade política gerava intensos conflitos históricos, como exemplificado por novamente por Gilli (2011, p. 23): “na verdade, essas entidades exercem uma autoridade parcial sobre os territórios submetidos e devem





negociar de acordo com a situação política ou de acordo com as novas instituições”. Catarina de Siena estava imersa neste contexto, marcado por inúmeras disputas entre as comunas e a figura do papado. Ao solicitar insistentemente que Gregório XI retornasse a Roma, Catarina também se apropriava do discurso político das comunas que estavam insatisfeitas com a atuação do papado e da Igreja.

Os conflitos dentro das comunas italianas estavam cada vez mais polarizados, com os governos peninsulares enfrentando crises, disfunções e diferenças de interesses. Estes conflitos culminaram em distúrbios civis, levando Catarina de Siena a agir como mediadora das tensões entre as regiões toscanas e o papado. Catarina acreditava, conforme apontado por Rodrigues (2019, p. 112), que “caso não auxiliassem o papa e a Igreja, estariam caminhando, diante de Deus, para o castigo divino”. Essa convicção levava Catarina a defender fervorosamente a figura do Papa Gregório XI e a escrever missivas solicitando uma Cruzada, com o objetivo de unir os interesses comuns em prol de um só objetivo: a conversão daqueles que ainda não faziam parte da fé católica.

Na carta número 155, Catarina fala sobre a necessidade de uma Cruzada com o propósito de voltar a energia dos fiéis para o louvor a Deus e a glória da Igreja. Ela enfatiza que “Deus também vos pede que concedais autoridade às pessoas que pedem para participar da santa Cruzada. É algo que parece impossível a vós, mas não a Deus que a ordenou e quer” (CATARINA, 2016, p. 843). Catarina sempre ressaltou o nome de Deus em seu discurso, para que desta forma, buscando assim uma legitimidade espiritual. A Cruzada mencionada por Catarina de forma incansável tinha como objetivo controlar os conflitos políticos peninsulares entre Igreja e povo, que abalavam a organização da Península como um todo. Ela justifica isso na mesma carta, dizendo “outra vontade divina é esta: Deus quer que façais as pazes com a Toscana, contra qual estais em guerra, cedendo com vossos maldosos e rebeldes filhos quando for possível” (CATARINA, 2016, p. 843). Catarina sempre explicitava que a Cruzada serviria como resposta aos problemas políticos, contendo as rivalidades entre comunas e entre os peninsulares e o papado. Seu foco estava nos interesses do povo e da Igreja, de forma a buscar a conquista das almas que não estavam voltadas para Deus, ou seja, para o Cristianismo.

3.3. As cartas endereçadas a urbano vi e seus interesses

Com o passar dos anos, Catarina alcançou alguns de seus objetivos mencionados nas cartas endereçadas a Gregório XI, como a volta do papado a Roma. Pilla (2013, p. 8) menciona que “seja por convencimento ou influência dessa jovem religiosa leiga, o fato é que Gregório XI deixou Avinhão em setembro de 1376 em direção a Marselha e depois





rumo a Roma”. A volta de Gregório, porém, coincidiu com seu falecimento em 1377, gerando uma intensa crise sucessória para decidir o novo papa. Temendo o retorno do papado a Avignon, era necessário que a eleição de um novo papa ocorresse o mais rápido possível: “era imprescindível a eleição de um papa italiano para que Roma pudesse novamente dirigir a Cristandade” (SILVA, 2012, p. 4).

Assim, ocorreu a eleição de Urbano VI (1378- 1389), italiano e arcebispo de Bari. Sua eleição era vista como necessária, pois “Urbano VI, ainda cardeal era o ‘nome da concórdia’, uma vez que agradava ao mesmo tempo às ‘facções’ francesa e italiana do Colégio cardinalício” (SILVA, 2012, p. 4). Catarina, observando seu contexto político mudar abruptamente, acompanhou essas transformações escrevendo cartas ao Papa Urbano VI, da mesma maneira que escrevia ao seu antecessor, expondo seus desejos e entregando seu apoio.

Urbano VI, todavia, mostrou-se com uma postura diferente de Gregório XI. Mais autoritário e radical, desagradou fortemente a hierarquia da Igreja, principalmente os cardeais franceses. Desta forma, Urbano VI colocou-se em um papel de extremo risco dentro da Igreja. “Em 1378, parte do Colégio de Cardeais se retirou para Anagni e depois para Fondi, onde realizaram uma nova eleição. Inconformados com as atitudes de Urbano, os cardeais afirmavam que sua eleição tinha sido inválida” (SILVA, 2012, p. 5). Isto resultou em inúmeras mudanças na estrutura hierárquica da Igreja, levando-a a um colapso conhecido como Cisma do Ocidente.

O importante nesse contexto é que Catarina não deixou de se corresponder com o novo papa, Urbano VI. Percebe-se que Catarina de Siena tinha alguns apontamentos a fazer sobre seu papado. Nas primeiras cartas enviadas a ele, é perceptível a utilização de uma linguagem mais religiosa, não tão apelativa como fazia com Gregório XI. No entanto, as indagações ainda são as mesmas, colocando sempre em pauta seu apoio e confiança no novo papa. Em sucessivas cartas, não parou de expor a necessidade de uma reforma tanto na hierarquia, como em todo o corpo místico da Igreja.

“Por isso, deveis estar alicerçados na caridade perfeita” (CATARINA, 2016, p. 957). Catarina de Siena entendia o que estava acontecendo e como seu contexto de vida impactava os ânimos não apenas dos fiéis, mas também dos membros que compunham as bases hierárquicas da Igreja. Para ela, o Cisma do Ocidente só tinha um desfecho possível: seria aceitar a escolha de Deus, confirmando a eleição de Urbano VI como representante da fé. Na carta 291, ela reconhece a legitimidade do poder de Urbano VI





como sagrado: “Pai santo, Deus vos estabeleceu como pastor das ovelhas de toda religião cristã, como despenseiro do sangue de Cristo crucificado, de quem sois o representante” (CATARINA, 2016, p.957). Nas cartas a Urbano VI, em nenhum momento Catarina reconheceu o poder do papa secundário, Clemente VII, mas elaborou seus pensamentos e conselhos considerando que fez a escolha certa. Clemente VII, eleito em 1378, foi escolhido para representar os interesses dos cardeais franceses, que afirmavam ser inválida a eleição de Urbano VI.

Ao longo das missivas, percebe-se Catarina desenvolveu um profundo respeito pela figura do papa, embora continuasse a se envolver no jogo político. Barbosa (2002, pp. 93) entende que, “[...] a sua ativa participação nas discussões políticas e diplomáticas esclarece o papel reconhecido que ela tinha naquela sociedade, o que lhe permitia fazer parte do jogo político”. Nas cartas subsequentes, Catarina novamente expressa seus pensamentos de maneira direta e conselheira, evidenciando que, se o apoio dos cardeais e do povo não fossem dados a Urbano VI, estariam cometendo o pecado da mentira. Na carta 310, dirigida a três cardeais italianos, ela aponta que, “abandonastes a verdade que vos protegia, e vos apoiastes na mentira, que enfraquece a alma e o corpo, privando-vos da vida espiritual e da temporal” (CATARINA, 2016, p. 1022).

Ela percebia, assim, o Cisma como resultado da ação de cardeais desonestos, motivados pela busca por riquezas terrenas e pelo medo da repressão dos habitantes da Península Itálica, que clamavam por um papa naturalmente italiano. Sua decisão de apoiar incondicionalmente Urbano VI, um papa italiano, estava fundamentada nesse contexto. Catarina compreendia que, caso o papado não fosse italiano (como havia ocorrido com alguns de seus antecessores), as rivalidades entre as diferentes regiões e a disputa pelo poder se intensificariam novamente. Ainda na carta 310, endereçada aos cardeais italianos, ela argumenta que “a paixão da nacionalidade não poderia levar-vos à rebelião, como poderia acontecer com os estrangeiros, pois sois italianos e o papa também” (CATARINA, 2016, p. 1025).

Para concluir suas preocupações, Catarina escreveu a Urbano VI acerca da importância da caridade e da santidade, destacando a dualidade entre corpo e alma. Na carta 306, também dirigida a Urbano VI, ela menciona que, “e como na luta é preciso usar o escudo da caridade divina, afirmei acima que desejava vos ver com o escudo da perfeitíssima caridade, doce e real proteção” (CATARINA, 2016, p. 1008). Complementando seu pensamento na mesma carta, ela afirma que “portanto, a alma





revestida de caridade, estando em Deus, não é vencida por ninguém, por nenhuma fadiga ou adversidade” (CATARINA, 2016, p. 1007).

Diante das adversidades do Cisma do Ocidente, Catarina continuava a aconselhar o papado a não desistir de batalhar por sua legitimidade. Isso é evidente em suas missivas a Urbano VI, nas quais expressa com autoridade seu pensamento sobre o Cisma. Por exemplo, na carta 306, ela escreve: “fiquei sabendo que os demônios vermelhos [cardeais rebeldes] elegeram, não um Cristo na terra, mas fizeram nascer um anticristo contra vós, que sois o Cristo na terra” (CATARINA, 2016, p. 1008). Por meio deste e de outros trechos, Catarina de Siena abriu um espaço de debate com o papado de Urbano VI, procurando aconselhá-lo e confortá-lo perante os embates que aconteciam na hierarquia da Igreja Católica. Apesar disso, Catarina não teve a oportunidade de acompanhar o desfecho de suas angústias e aflições, pois faleceu em 1380. Naquele ano, o Cisma do Ocidente ainda estava longe de terminar, sendo efetivamente concluído apenas em 1417.

Catarina legou suas missivas como forma de se posicionar diante das adversidades de seu tempo, reafirmando sua autoridade como mulher religiosa construída de inúmeras formas, alcançando assim um lugar de fala muito privilegiado.

4 Considerações finais

À guisa de conclusão, após analisar as diferentes perspectivas apresentadas nas cartas de Catarina de Siena aos papas, é possível destacar como a autoridade de Catarina de Siena foi construída através de sua intensa vida apostólica. Isto permitiu que ela desempenhasse um papel político na Península Itálica através de sua religiosidade e caridade, temas frequentemente abordados em suas cartas. Desta forma, o presente estudo buscou compreender o papel de uma mulher religiosa durante a Baixa Idade Média e pesquisar o contexto histórico da Península Itálica, que se mostrou um cenário propício para a consolidação da autoridade de Catarina de Siena.

A intensa vida mística de Catarina de Siena lhe conferiu notoriedade e renome não apenas em Siena, mas também fora dela. A disseminação de seus pensamentos e cartas, tornou-se uma tentativa de apaziguar os conflitos peninsulares, além de apresentar às comunas um estilo de vida rigoroso, marcado por penitências e mortificações corporais, bem como por experiências místicas que lhe granjearam intensa admiração.

Assim, Catarina de Siena legou um exemplo de vida apostólica, mas também de exemplo de poder místico e político, o que principalmente nos permite conceber um tipo





de papel também desempenhado por mulheres na Baixa Idade Média, contexto marcado por desafios e restrições sociais.

Referências Bibliográficas

AMBONI, Vanderlei. As comunas na Idade Média (século XII): Lutas de classes e ontologia da burguesia medieval. Congresso Internacional de história: 2011.

BASÍLIO, João Alves. Vida de Santa Catarina de Sena. Coleção Espiritualidade. 1ª edição. Editora Paulus, 2020.

BARBOSA, Antonio Gabriel. Poder e Autoridade Feminina na Idade Média: Catarina de Siena e os conflitos entre Eclesiásticos e leigos na primeira carta ao Papa Gregório XI (Século XIV). Programa de Estudos Medievais: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Selo Caliandra, v. 1. Brasília: 2022.

BARBOSA, Antonio Gabriel. Catarina de Siena e os conflitos entre eclesiásticos e leigos na primeira carta ao papa Gregório XI (Século XIV). Poder e autoridade feminina na Idade Média. Coleção Medievum. Universidade de Brasília: Editora Caliandra, 2022.

BARROS, José D'Assunção. História Política e História Social. In: BARROS, J. D' A. O Campo da História: novas perspectivas. Editora Vozes Ltda, 2004. p. 106-124.

CENTI, Tito S. Luci e ombre sul tomismo di S. Caterina da Siena. Congresso Internazionale di studi Cateriniani. Roma: 1980.

DUBY, Georges. As damas do século XII. Editora Companhia de Bolso, 2013.

DUGGAN, Christopher. História Concisa da Itália. São Paulo: Editora Edipro, 2016.

DUARTE, Alexandre Freire. Guias de príncipes e perplexos: A honra letrada face ao Cisma em Fernão Lopes. Ediciones Complutense, 2021.

FERREIRA, Leticia Schneider. Gênero e feminino no medievo: O Sacramento do Matrimônio na obra de Martin Perez. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. ANPUH, São Paulo: 2011

GILLI, Patrick. Cidades e Sociedades Urbanas na Itália Medieval. Editora Unicamp, 2011.

GOMES, Elizabeth. Catarina de Siena: Uma contribuição feminina ao pensamento e à espiritualidade Ocidental. Fides Reformata XX, 2015.

KLUG, Douglas Kaefer. Bonifácio VIII: Um pontificado marcado por conflitos. Revista Eletrônica de Filosofia e Teologia Frontistés. Faculdade Palotina, v. 16, n. 29, 2022.

NOGUEIRA, Maria Simone. A escrita feminina medieval: mística paixão e transgressão. Programa de Iniciação Científica. Universidade Federal da Paraíba, 2013.





PEIXOTO, Eduardo de Melo. O Cisma do Ocidente e a posição de D.Lourenço Vicente. v. 2. Theologica, 1998.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. Editora Contexto, 2007.

PILLA, Maria Cecília Barreto. Catarina de Siena: Mística e intercessora pela unidade da Igreja Católica durante o Grande Cisma – 1347-1380. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis, 2013.

PROCHASSON, Christophe. “Atenção: Verdade!” Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. Revista Estudos Históricos, 1998.

RODRIGUES, Caio César. A experiência mística da “Conoscenza di sé” no ideário político do bom governo de Catarina de Siena (1347-1380). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2019.

SCOTT, Joan W. História das Mulheres. In: BURKE, P. (Org.). A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SENA, Catarina. Santa Catarina de Sena: Cartas Completas. Ed. Heres Drian Oliveira Freitas. 2ª edição. Editora Paulus, 2016.

SILVA, Matheus Corassa da. O Grande Cisma do Ocidente (1378 – 1417) em O Sonho (1399) de Bernat Metge. Medievalis – Humanismo, Literatura e Filosofia. Universidade Federal do Espírito Santo. v. 2. 2012.

SIMÕES, José Manuel. Guias de príncipes e perplexos. A honra letrada face ao Cisma em Fernão Lopes. Ediciones Complutense, 2020.

THURBER, Allison Clark. Female Urban Reclusion in Siena at the Time of Catherine of Siena. In: FERZOCO George. MUESSIG Carolyn. KIENZLE Beverly Mayne (Orgs). A Companion to Catherine of Siena. Boston: Brill’s companions to the Christian tradition, v32. 2012.

TOCQUEVILLE, Alexis de. O Antigo Regime e A Revolução. 4ª edição. Brasília Editora, 1997.

TROCH, Lieve. Mística feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. Paraíba: Revista Graphos, 2012. v. 15, n. 1.

TUCHMAN, Barbara. Um espelho distante: O terrível século XIV. José Olympio Editora, 1991.

VAUCHEZ, André. A espiritualidade da Idade Média Ocidental: Séculos VIII-XIII. Lisboa: Estampa, 1995.

